



Suzanna Mantovani, educadora italiana: 'Pesquisas mostram que crianças de até 3 anos são mais competentes do que os pais imaginam'

Projeto italiano exige acompanhamento dos pais

Em entrevista ao Estado, a pedagoga Suzanna Mantovani falou sobre estratégias do ensino infantil, formação de professores e sistema educacional na Itália.

Estado — Como vencer a resistência dos pais que não confiam nas escolas infantis?

Suzanna Mantovani — É difícil. Na Itália, exigimos que alguém da família esteja livre para frequentar a escola junto com o filho durante as duas primeiras semanas. Mais do que deixar a criança segura, queremos deixar os pais confiantes. Para o professor, é difícil trabalhar diante da mãe ou do pai, mas isso é muito importante. Hoje, a Itália tem a me-

nor taxa de natalidade do mundo. Em famílias pequenas, as crianças precisam mais da socialização por meio da escola.

Estado — Quanto o governo italiano investe em educação?

Suzanna — Não saberia dizer números, mas posso dizer que investe menos do que deveria. Com a crise econômica dos dois últimos anos, os investimentos em pesquisa foram reduzidos. Apesar disso, não podemos dizer que o sistema educa-

cional na Itália esteja atravessando uma crise. Hoje, a grande preocupação social é com a aposentadoria.

PROFESSOR
TRABALHA
DIANTE DA
FAMÍLIA

Estado — Como são os salários dos professores? Eles estão satisfeitos?

Suzanna — Não temos tido greves. Um professor da escola ninho ganha, em início de carreira, US\$ 900 por mês. Um universitário recebe US\$ 1,6 mil. Isso nas escolas públicas porque nas particulares ganha-se um pouco menos. Não é um grande salário ainda,

mas tivemos avanços. No último contrato nacional de trabalho, a carga horária foi reduzida para 30 horas semanais.

Estado — Por que as escolas particulares pagam pior? Não é o que acontece no Brasil.

Suzanna — Na Itália, a maioria das escolas são estatais ou das comunas. Existem poucas escolas particulares. Por isso, podemos dizer que o acesso à escola é bastante amplo. Mas não quer dizer que seja mais democrático. Por exemplo, não há falta de vagas na universidade. No entanto, apenas 30% das pessoas que começam os cursos chegam a se formar.